

CRÍTICA

TEATRO

|

O FILHO DAS MÃES

POR CLÁUDIO HANDREY - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Visionário, João Be-thencourt, um dos mais renomados comediógrafos e tradutores brasileiros, com inúmeros sucessos como a primeira montagem de “A Gaiola das Loucas”, “O Dia Que Raptaram o Papa”, um dos textos mais encenados no exterior, recebe nova montagem de “O Filho das Mães”, que muitos conhecem como “Circuncisão em Nova York”.

Com produção da Guilherme Delrio Realizações Artísticas, a nova montagem opta pelo título original. Mestre na composição de quiprocós, o autor arquiteta com sapiência uma de suas melhores comédias de costume.

Ao abordar a temática sobre relações homoafetivas há duas décadas, o escritor mantém sua obra atualizada, já que no momento muitas famílias vivenciam a circunstância. Uma família judaica conservadora, em Nova York, encontra-se perturbada diante da revelação de sua filha ao revelar sua gravidez por inseminação artificial, ao lado de sua esposa. Preconceito, tradição, mentiras, sentimentos truncados elaboram tumulto, pelo qual parentela e amigos são envolvidos. Até todas as verdades virem à tona, as personagens são abarcadas por um turbilhão de emoções, desvelando comicidade na medida certa.

A direção de Pia Manfroni é correta, sem alçar grandes voos. Delibera com parcimônia a balbúrdia que a dramaturgia lhe oferece, estabelecendo marcas que propiciam o

Balbúrdia

preconceituosa



A direção de Pia Manfroni é correta: delibera com parcimônia a balbúrdia que a dramaturgia lhe oferece

bom andamento cômico.

Além do ótimo material dramático, o jogo estruturado entre Sergio Fonta e Jalusa Barcellos é o melhor que a montagem proporciona. O ator prioriza uma atua-

ção discreta, porém firme, austera, como deve ser aquele chefe de família tradicional, mas concomitantemente imbuído de humor – diante de variações, verte-se em refinada jocosidade. A cena diante do amigo

Samuel em que, perplexo e incrédulo profere: “Não seja idiota”, denuncia sua expertise como intérprete. Por outro lado, a atriz tarimbada, vai na contramão do colega: abusa das tintas, desenhando com argúcia sua Sarah, desequilibrando-se, o que torna a personagem atraente e divertida. O casal equilibra a temperatura adequada para a desenvoltura cênica. Carlos Löffler brilha ao brincar em defender o outro avô, cuja teatralidade instaura-se nas interpretações de Celso André e Duio Botta, que investe contidamente no seu delicado Ralph. Menos teatral está Narjara Turetta, que poderia cuidar de sua emissão vocal. E Rose Scalco é inexpressiva.

O cenário e figurino de Augusto Pessoa são realistas, apropriadamente, realçando o vestido roxo de Sarah, que imprime beleza e teatralidade, durante a aliança de circuncisão. A iluminação de Juliana Amorim é clássica, sustenta quase todo o tempo aberta, focando-se às narrações de Miriam e aos telefonemas de Abraão e Sarah, já que estão em locais longínquos.

“O Filho das Mães” agrada o público, além de fazer rir propicia-nos a reflexão. O amor pode e deve permanecer acima de quaisquer conceitos, nos quais muitos arraigaram-se durante toda a vida.

SERVIÇO

O FILHO DAS MÃES

Teatro Laura Alvim (Av. Vieira Souto, 176 — Ipanema)
Até 26/8, terças e quartas (20h)
Ingressos: R\$ 50 e R\$ 25 (meia)

NA RIBALTA

POR AFFONSO NUNES



Renato Mangolin/Divulgação

Memórias e instabilidades

Em sua última semana no Sesc Copacabana, o espetáculo “Espaço Liso”, da multiartista Camila Moura, investiga a relação entre corpo e chão, questionando memórias, paisagens e instabilidades da superfície. Criado em 2024, após quatro residências artísticas, o projeto passou pela Bélgica, no centro de arte Buda, e contou com Adilso Machado, via Sesc Pulsar, Rômulo Galvão e Alice Ripoll. A obra articula dança contemporânea e circo, propondo reflexões sobre o movimento e a incerteza do solo como elemento cênico central.



Divulgação

A catarse na solidão

Em cartaz até domingo (23) na sede da Cia dos Atores, o monólogo “O Sonho de um Homem Ridículo” adapta a novela homônima de Fiódor Dostoiévski (1821-1881). Com Murici Lima no palco e direção de Anderson Rosa, a montagem mergulha no universo dostoiévskiano para abordar invisibilidade social, solidão urbana, a possibilidade de redenção e a urgência de empatia. A opção por uma encenação intimista aproxima o público da trajetória de um homem que, ao descer à própria solidão, encontra sua catarse.



Divulgação

Imitação e sobrevivência

Em cartaz até o dia 29 na Fundação Progresso, a peça “Comunicado a uma Academia”, com Patrícia Niedermeier, adapta o conto homônimo de Franz Kafka (1883-1924), publicado em 1917. A montagem investiga modos de existir em sociedade marcada pela coerção, normatização e perda de individualidade. Em cenário atravessado por guerras externas e internas, o espetáculo questiona o que resta do humano quando a imitação se torna condição de sobrevivência. O conto já inspirou montagens memoráveis, como a de Moacyr Goés em 1993, com Ítalo Rossi.